

# ATRAVESSANDO OS GERAIS NA GARUPA DE ROSA

**A** guisa de introdução, justifico que optei por uma abordagem de cunho mais literário, ao invés de científica na elaboração deste artigo<sup>2</sup>. Minha experiência com o sertão e as pessoas nesta expedição foi visceral, e não quis tratá-la com o distanciamento que os estudos acadêmicos exigem. Quis descrevê-la com a liberdade que o coração permite.

Antes de mais nada, quero registrar meu agradecimento ao Paulinho Ribeiro, Secretário Municipal do Meio Ambiente de Montes Claros, mentor e organizador da expedição, pelo convite que se tornou um grande presente. Foi um privilégio participar da “II Expedição Caminhos dos Gerais: Na Garupa de Rosa”. Sagarana foi o roteiro percorrido pela equipe da qual eu fazia parte.

Sáimos de Montes Claros dia 16 de novembro de 2006, passamos por Pirapora, Buritizeiro, Distrito de Cachoeira da Manteiga, São Romão, Urucuiá, Arinos, Chapada Gaúcha, Distrito de Serra das Araras, São Francisco, Luislândia, Brasília de Minas, São João do Pacuí, Coração de Jesus, Distrito de São João da Vereda e retornamos dia 19 de novembro para Montes Claros.

O trajeto foi percorrido por três carros. No que viajei, estavam Erotides, supervisor do IEF de Teófilo Otoni, Adelson, Secretário Executivo da Associação dos Municípios do Médio São Francisco- AMMESF, Ângela, fotógrafa de arte e eu Bárbara, que na verdade me chamo Maria Helena, professora da Unimontes.

Cada qual contribuiu à sua maneira para tornar nosso

convívio prazeroso e agradável durante a viagem. Adelson, em função de seu trabalho pela AMMESF, era nossa fonte de informações preliminares sobre os lugares e as pessoas de referência. Não menos importante foi sua elegância em não disputar comigo e Ângela o assento do carona. Resignadamente, e sem qualquer queixa, sofreu, mais do que nós duas, os trancos das estradas. Ângela, com seu olho clínico e sensível de artista, nos chamava a atenção para as belezas que surgiam a nossa volta. Suas fotos, com toda certeza, estarão entre as mais belas produzidas pela expedição. Ao Erotides devemos as boas gargalhadas e a música da melhor qualidade. Eu não fiz nada. Só tinha olhos para as estrelas brilhando no breu.

Foi rasgando a noite que vi o sertão por dentro. Passei a viagem na espreita, com o coração sobressaltado, na esperança de ver o espírito de Medeiro Vaz e seus companheiros descendo as trilhas que dão acesso ao vale do Vão-dos-Buracos. Tentei ver a formosura de Diadorim refletida na águas claras das veredas. Agucei os ouvidos procurando ouvir tiros. Saí pelo sertão atravessada pela magia de Grande Sertão: Veredas. Vi que no sertão se adoeceu de um tudo. Uns, doença de corpo, que pede cama, outros, doença de coração, que pede cantoria de fino amor, como vento soprando miúdo em folhas de buriti.

## *Impressões de uma travessia*

Quando a gente se dispõe a percorrer os caminhos de Rosa, mal sabe no início que o termo viagem é pouco para retratar o que nos espera pela frente. Trata-se, na verdade, de uma travessia. Travessia por comportar atravessamentos de vários níveis de espaços: os físicos, os ambientais, os

1 - Doutora em educação. Professora da Unimontes. Coordenadora do Mestrado em Desenvolvimento Social.

2 - A realidade pode ser abordada tanto pela perspectiva acadêmica quanto literária. Ambas são legítimas.

emocionais, os poéticos, os literários, os culturais, e aqueles mais disfarçados, inomináveis, que se escondem no fundo de nossa alma. Várias impressões nos atravessam: misturadas, amalgamadas, interconectadas, embaralhadas, emaranhadas. Um turbilhão!

Saimos na manhã de 16 de novembro, a partir da Praça dos Jatobás, para percorrer o roteiro Sagarana com a missão de dar nosso testemunho do que é e de como está o sertão. Começando pelo menos difícil, podemos dizer que o sertão tenta resistir bravamente. Ele parece nos querer dizer, como as mulheres maduras marcadas pelos desgastes naturais do tempo e da maternidade, que sua parte foi feita, que sua generosidade e seu amor foram postos à prova e que, ao nosso lado sempre, incondicionalmente, espera dias melhores.

Há aqueles que desconsideram seu pedido de respeito, solidariedade e socorro, achando que suas tetas não merecem descanso. Essa lógica está manifesta na agressão de derrubar mata nativa para fazer carvão, como nos foi informado em Urucuia; na monocultura de soja plantada em áreas de recarga, utilizando mecanização pesada, o que ocasiona a compactação e impermeabilização do solo, e conseqüente desaparecimento de reservas hídricas, além de degradar de forma tão violenta o solo, que precisará de décadas para se recompor, fato observável em Chapada Gaúcha; no plantio de monocultura de eucalipto, que além de demandar perda irreparável da biodiversidade desse ecossistema valiosíssimo, usurpa das populações tradicionais seus espaços de reprodução material e cultural, com conseqüente perda de suas identidades, seus valores e conhecimentos seculares, fundamentais na conservação desses espaços. Para se ter uma dimensão do problema, acrescenta-se as inúmeras denúncias de trabalho escravo e uso de mão de obra infantil nos fornos de produção de carvão. O sertão e suas populações estão ameaçados pela cobiça desenfreada do lucro inconseqüente.

Mas em nosso percurso encontramos pessoas e grupos organizados que ouvem o sertão e saem em sua defesa. A eles presto homenagem e reverência. Cito e comento aqueles com os quais tive um contato. Foram poucos, breves, mas valiosíssimos.

Em Barra do Guaicuí encontramos Ítalo, menino cioso do seu dever de guia turístico e guardião da memória local, a nos relatar a história da construção da Igreja Bom Jesus do Matozinho, em cujo telhado cresceu uma gameleira, que descendo suas imponentes raízes pela parede chega até o solo. Ficamos sabendo que o início da construção da igreja data de 1635. Os responsáveis foram os padres jesuítas, que

utilizaram mão-de-obra indígena<sup>3</sup>. A igreja, porém, nunca foi totalmente concluída. A chegada dos bandeirantes ao local afugentou os índios. Estes, com medo de serem escravizados, fugiram deixando a construção inacabada. Ítalo é um adolescente de 14 anos, cursa a sétima série e tem a consciência de que, se nada for feito, a igreja não vai resistir à ação do tempo e dos vândalos que a dilapidam sem o mínimo respeito. Para atestar o vandalismo, há inúmeros registros nas paredes de nomes de pessoas que passaram pelo local. Ítalo nos informa que, apesar de a igreja ser tombada, não há um movimento organizado em defesa desse patrimônio histórico e cultural.

Indagado por nós, ele afirma que toda essa riqueza histórica e cultural não constitui conteúdo curricular nas escolas locais. Deixo aqui seu registro por considerar que é muito provável que isso ocorra, já que essa realidade é a mais presente nos mais diversos contextos.

Em Urucuia encontramos, entre diversas outras pessoas, o Sr. José Lima, apelidado de Paraíba, artesão, poeta e presidente da Associação de Artesãos. Paraíba, como gosta de ser chamado, fez questão de nos declamar uma poesia de sua autoria. Nela, ele conclama o povo do sertão a preservar o meio ambiente, os buritis, as veredas e evoca Rosa quando diz que Guimarães os ensinou a amar o sertão. O amor e a tentativa de preservar o buriti se materializam no lindo e leve artesanato que se faz das folhas secas dessa palmeira.

Pena que o espaço disponível em nosso carro impediu, pois a vontade era enfeitar nossas casas com as muitas lindezas e delicadezas que as mãos e os corações dos artesãos e das artesãs de Urucuia produzem.

Em Brasília de Minas tivemos o grato prazer de ouvir parte da missa do padre Edilson Bonfím. Eu, que não pratico o hábito de ir à missa com regularidade, confesso que deu vontade de morar lá, só para todo domingo poder ouvir a boniteza de seus sermões. Com pandeiro na mão, batendo palmas, cantando, transformando missa de mera obrigação dominical em celebração viva, em compromisso de amor, respeito e solidariedade, no mais profundo sentido cristão, o padre convida e estimula os afro-descendentes, os índios, enfim, as minorias, a lutarem pelo seu espaço na sociedade, pela preservação de sua identidade, de seus valores, de sua cultura. Reflete junto com seus paroquianos sobre os séculos de opressão a que esses povos foram, e continuam sendo, submetidos. Coerente com sua missão, não faz isso semeando ódio. Sua base é amor e respeito. É a valorização da pessoa humana e da educação como arma contra a exclusão.

---

3 - Segundo o antropólogo João Batista de Almeida Costa, esta é uma informação veiculada localmente, haja

vista que na historiografia brasileira não há registro da presença de jesuítas no médio São Francisco.

Criança que na missa de domingo ouve o padre dizer que ela descende de um povo valoroso, lutador, forte, cujo papel na história de nosso país deve ser motivo de orgulho, muito provavelmente crescerá com uma auto-imagem positiva, ponto inicial de qualquer projeto que tenha a participação cidadã como objetivo. Não pude, infelizmente, esperar a missa acabar para conversar com padre Edilson. Sai da cidade pensando: éta povo sortudo este de Brasilinha. Sua benção padre Edilson!

Outro presente que a expedição nos deu foi o encontro com D. Zelita. Entre desconfiada e não querendo ser deselegante com aquelas visitas inesperadas, que apareceram do nada numa manhã de domingo, vem nos receber na porteira de seu sítio. Localizada em lugar privilegiado, tendo a cidade de Coração de Jesus literalmente a seus pés, a casa fica no alto de uma pequena colina. É a sabedoria sertaneja, que sabe valorizar seus tesouros. A frente se abre para a cidade. Pelos fundos, caminhando por uma pequena estrada de terra, chega-se a um riacho.

Caminhando mais além, depara-se com um pequeno planalto onde imponentes árvores do cerrado oferecem, além dos abençoados frutos, abrigo do calor e do sol. É debaixo de frondosos pés de pequi carregados que recuperamos energia na ida e na volta da visita à gruta que se localiza na propriedade.

O roteiro denomina a gruta de Lapa da Madame Cassu. Para dona Zelita, esse nome soa estranho, ela não (se re)conhece (n)essa denominação. São três entradas, com pouca distância uma da outra. A visitação é muita, e o respeito é pouco. Chegam levadas de pessoas, aos montes, em ônibus. Fazem festa, barulho, deixam sujeira. Dona Zelita, procurando proteger seu sossego e seu patrimônio, tem dificultado a entrada o máximo que pode. Depois que ela externou suas preocupações foi fácil entender sua reserva ao nos receber. Percebemos também sua preocupação quanto às conseqüências da implantação de algum projeto turístico que tenha seu sítio como uma das referências. A experiência tem lhe mostrado que turismo está associado à confusão, barulho, desrespeito e poluição. Sua preocupação nos tranquiliza. Tudo indica que ela vai defender com unhas e dentes esse espaço.

Mas além das grutas, o mais bonito em dona Zelita é sua generosidade e simpatia. No modo tão usual dos sertanejos, botou mesa farta com frutas, chá de folhas frescas de manjerição, biscoito de polvilho, bolo assado em folha de bananeira, queijo do leite que ela mesma tira de suas vacas. Tudo conta com orgulho de quem se reconhece cozinheira de mão cheia, de reputação que corre léguas. Enquanto fala, não se descuida do doce de leite que mexe no fogão a lenha e que está quase no ponto. Ofereceu também, com sorriso matreiro nos lábios, doce delicioso, cujos ingredientes deveríamos adivinhar. Tentamos em vão. Brincou conosco, riu contente com certo ar de triunfo ante nosso pouco conhecimento das artes da culinária. Tentou nos ajudar.

- Mas é uma coisa que ôces conhece. Ôces come.

- É couve? Pergunta um.

Ela nega.

- É manga?

- Num é fruta, não.

Depois de inúmeras tentativas, ela entrega: "É doce de leite com chuchu relado. Fala se num é bão? Isturdia fiz doce de beterraba. Faço de cenoura tomem. Ele fica de sucesso."<sup>4</sup> A senhora dona Zelita é que é um sucesso. Absoluto.

Generosa, divide conosco receita de biscoito de abóbora.

1 medida de goma

1 kg de abóbora cozida

açúcar e canela a gosto

2 colheres de manteiga

ovos

Amassar bem e assar.

Ainda não experimentei, mas vindo de dona Zelita deve ser um sucesso. Quem fizer, favor me convidar para provar. De minha parte, também prometo reunir os amigos em volta da mesa, quando experimentar a receita.

De corpo, olhos e espírito saciados retornamos a Montes Claros no final da tarde de 19 de novembro. Já dava para pressentir que uma saudadezinha se anunciava. Deixamos para trás um mundo povoado de lugares e pessoas mágicas. Isto é o sertão, que apesar de tudo está de pé, cambaleante, mas luta bravamente para resistir.

---

4 - Espero que o leitor não se submeta ao preconceito lingüístico na defesa da língua portuguesa padrão como a única correta. Minha intenção é valorizar a beleza e a

riqueza do linguajar sertanejo.

## *Declaração de amor ao sertão de quem nasceu nas Minas*

Minha viagem pelo “Caminhos dos Gerais” começa antes, muito antes do dia 16 de novembro de 2006, data de largada da expedição “Na Garupa de Rosa”, dentro do roteiro Sagarana. Quando ao certo, não consigo precisar exatamente, algo pelos idos de 1980.

É lá que se situa o começo da minha viagem, que nunca mais foi interrompida. Rosa tem dessas coisas. Quando se monta em sua garupa, a única certeza é quando da partida. Isso quando não acontece de a gente acordar um dia e perceber que se está há muito na estrada, que a partida foi há tanto tempo que se perdeu no fio fino da memória. O sertão, Rosa já havia generosamente compartilhado conosco, está em toda parte. Seus começos e seus fins são delongamentos sem definição, dilatamento de tempos e espaços.

É na década de 80 do século XX, portanto, que saio respirando o vento, me molhando do orvalho, deitando olhos pelas serras sem fim, bebendo nas veredas sob a sombra dos buritis pelas páginas de pura delícia rosiana.

Vivi com Miguilim a dor enorme, absurda, desatinada da perda de Dito. Pressenti com olhos vermelhos o fim inevitável e fiquei me perguntando como dar conta de tanta ausência e tamanha dor. Quando Dito morre, quis entrar no livro para abraçar Miguilim, para deitá-lo em meu colo e vê-lo dormir vencido pelo cansaço de tanto soluçar. Chorei com ele em todos os cantos da casa. Quis dar carinho, mas só dei o que pude: minhas lágrimas todas. Sempre que revisito Miguilim passo dias de luto. Custa a clarear os olhos.

De vida minha mesmo vivida, posso dizer que no descam-

pado do cerrado do sertão campee batalhas perdidas e vi o mundo virar no ôco do avesso, sem tino, desembestado morro que rola, procurando toco de galho para se agarrar. Sofri fome de afeto. Isto revelo com a intenção de dizer que cumprí sina. Paguei prenda cara, mas recebi tesouros. O sertão tomou e me deu vidas de volta. Outras. Muitas. Tantas. Foi a maré das veredas. Que para quem não sabe, não vaza na luz do dia nem da noite, vaza nos subterrâneos. O que traga, se volta, tem outra parecência, demudada. Entra mula-sem-cabeça, sai moça bonita. Como as de Montes Claros.

Gente das Minas, como meu grande e especial amigo João Batista de Almeida Costa nos define a nós que tivemos o destino de nascer e crescer em lugares outros que não o sertão mineiro, achava que trazia, por escolha minha, arbitrária, o sertão plantado em meu coração. Naquele tempo, hoje sei, tomei emprestado, e sem pudor, afeição alheia. Amei de longe, sem perguntar se podia. Mas como o sertão é zeloso de seus domínios, é ele quem escolhe seus eleitos. Ele ordenou e eu cumprí. Fui sendo puxada no vagaroso debulhar do tempo.

Tive que atravessar primeiro o rio Doce, depois o rio Jequitinhonha junto com a Serra do Espinhaço. Fui eleita para amá-lo. Como um amante sabedor do seu valor, que não se oferece de graça, o sertão não é espelho, é avesso. Para amá-lo, é preciso assumir riscos, percorrer caminhos não trilhados, como só os que vivem e viveram os grandes amores percorrem.

Muito aprendi. O mais principal, que o sertão não se curva. Não se dobra a caprichos. Não perdoa deslealdades. Ele exige devoção, paixão e entrega. Ele não tem rasos. Só fundos. É um esgotamento de amor. É um sem fim de mundo no miolo do coração.



